

COLÉGIO SANTA CLARA

Estudo do Meio Ubatuba/ Paraty



7º ano D

São Paulo

2015

Colégio Santa Clara

Diário de Viagem Ubatuba/ Paraty

Trabalho desenvolvido pelos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental que compõe uma das produções feitas a partir do estudo do meio realizado em Ubatuba e Paraty, em maio de 2015.

Professores responsáveis pela produção e revisão textual:

Maria Helena Almeida, Regiane Boainain, Shirley Santos, Vera Mortari

Professores Colaboradores: Ademar Pozzer, Luciane Rosenbaum, Renata Perche e Vanessa Queiroz – nosso obrigado pelos momentos concedidos de suas aulas para nossa produção.

Edição gráfica final: Ana Claudia Loureiro

São Paulo - 2015

Núcleo Picinguaba

Diego Bertotti
Gabriel Gaspar Caetano
João Pedro Gonçalves Nakamura
Mariana Marco Djanakian
Marina Campos dos Santos
Sofia Rodrigues de Mendonça
Théo Thomas Haddad

11/05/2015

No dia 11 de maio de 2015, quando nosso ônibus saiu do Colégio Santa Clara com o destino a Paraty/Ubatuba, começamos o nosso estudo do meio exatamente às 6:37h. Estávamos ansiosos, pois nesta viagem ficaríamos três dias fora de casa, sem os cuidados de nossos pais, e sim do colégio.

Desde o início, nosso grupo já estava muito atento a tudo o que acontecia, pois éramos responsáveis por tratar do assunto Núcleo Picinguaba. Já sabíamos um pouco do assunto, pois havíamos estudado sobre a vegetação diversificada nas aulas de ciências e já tínhamos pesquisado sobre unidades de conservação (áreas protegidas pelo governo para preservar a natureza) e até um pouco sobre a história do Núcleo. Mas o que mais queríamos era ver com nossos próprios olhos tudo o que tínhamos aprendidos. Fazem parte do nosso grupo o Diego, o Gabriel, o João Nakamura, a Mariana Marco, a Marina, a Sofia Mendonça e o Théo.

Antes de sairmos do colégio, os monitores Tatiana, Dario e Kleber nos levaram para o coreto para fazer uma contagem de todos os alunos e a distribuição entre os ônibus. Nesse momento, o Dante, nosso colega, colocou uns

ruídos no celular que achávamos que iam “explodir” nossos ouvidos. Nossa ansiedade era tanta que parecia que o tempo não passava.

Quando entramos no ônibus, recebemos algumas longas explicações, que apesar de um pouco cansativas, eram importantes, pois introduziam o que iríamos ver no Núcleo Picinguaba. Além disso, recebemos um “lanchinho” muito enjoativo para o horário, como batata frita, biscoitos e refrigerante, e algumas pessoas passaram mal durante a viagem. O percurso era muito longo, íamos atravessar a BR-101 (rodovia Rio-Santos) até chegar em Ubatuba, e no final do dia, iríamos para o hotel em Paraty.



Mapa indicando trajeto entre São Paulo (A)- Ubatuba- Paraty (B)-Imagem do Google Maps

Após uma hora, chegamos numa parada chamada Vaca Preta, esse é o nome do restaurante porque tem um estábulo próximo com uma vaca preta. Fomos ao banheiro e também nos alimentamos.

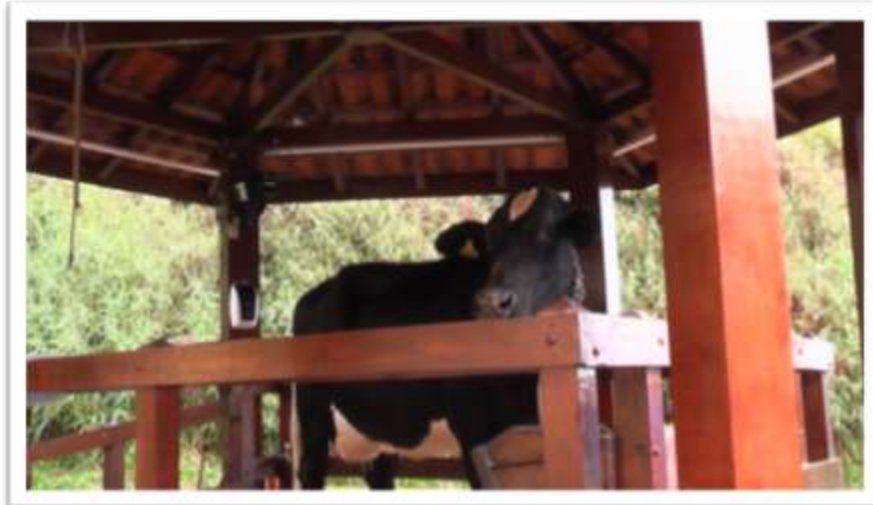


Foto tirada por João Nakamura- Parada: Vaca Preta

Quando voltamos ao ônibus, a monitora Tatiana, que é bióloga, colocou um vídeo sobre o manguezal, que possui solo lodoso, rico em nutrientes e pobre em minerais. Nele existem três mangues ou tipos de árvores do manguezal: o preto, também conhecido como seriba ou siriúba, vermelho, também conhecido como bravo e o branco. No vídeo também foi apresentado o costão rochoso, que é dividido em três partes, supra-litoral, meso-litoral e infra-litoral, é formado por rochas vulcânicas e divide a praia da mata. Vimos também a restinga que é uma vegetação rasteira e sua principal função é não deixar que a areia da praia se locomova para a mata. A monitora também explicou sobre a praia, que ao contrário do manguezal, é pobre em nutrientes mas rica em minerais.

Um pouco depois disso, chegamos ao Raízes, um restaurante tradicional de Ubatuba. Nós escolhemos um dos lugares que já estavam reservados para sentar e depois nos servimos da comida que estava em um balcão. A comida era deliciosa, tinha arroz, macarrão, carne, frango e muita salada.

Depois do almoço, voltamos ao ônibus com destino ao Núcleo Picinguaba (Picinguaba significa “reduto de peixes” em guarani). O Núcleo possui 45 mil hectares de área e é uma área de preservação da Mata Atlântica. Foi fundado no século XX e está localizado em Ubatuba, no Km8 da BR-10. O Núcleo abriga cinco praias, a praia do Camburi, Brava do Camburi, Picinguaba, Praia da

Fazenda e Brava da Almada. Além de praias o Núcleo abriga os picos do Corisco, Cruzeiro e Papagaio, que atingem 100 metros de altura acima do nível do mar. O núcleo também abriga comunidades de pescadores chamados caiçaras. Ele é um local tombado pelo patrimônio histórico. O Núcleo está abrigado entre o PNSB (Parque Nacional da Serra da Bocaina, 104 mil hectares) e o PESH (Parque Estadual da Serra-do-Mar, 322 mil hectares de área) e a maior importância desses locais é preservar a Mata Atlântica. A Mata Atlântica é uma floresta Tropical que ocupava 80% do território brasileiro, porém atualmente resta apenas 7% da Mata original. Isso ocorreu porque desde o descobrimento do Brasil a Mata Atlântica era muito devastada para exploração de pau-brasil e, além disso, a crescente industrialização e urbanização do país tornou-se um problema ainda maior para a Mata Atlântica. A parte do núcleo em que visitamos estava dentro do PESH. Dentro do PESH estão incluídas dez unidades de conservação (como o Núcleo Picinguaba). No caminho os monitores explicaram e passaram mais vídeos sobre esse assunto, os vídeos apresentavam conteúdos sobre o Núcleo Picinguaba, sobre o PESH, sobre as áreas de conservação e sobre o ciclo biológico dos manguezais (durante a maré cheia a água leva matéria orgânica para o manguezal. Essa matéria orgânica se agrega no manguezal e o enriquece de nutrientes).

Quando chegamos ao Núcleo Picinguaba, havia chovido há pouco tempo e o chão estava muito barrento e molhado, era um pouco difícil andar porque tinha muitas poças e o pé ficava prendendo no chão. Na sede do Núcleo Picinguaba, tinha uma foto de uma casa típica dos caiçaras, um balcão, uma sala de palestras, banheiros e uma sala com sua história. Os monitores nos levaram para os banheiros para podermos nos trocar adequadamente para entrar no manguezal com botas ou tênis velhos, pois iria sujar tudo. Depois disso, o nosso grupo foi dividido, pois o bote poderia ficar muito pesado e virar. Um dos grupos se dirigiu ao manguezal e o outro foi para a praia.



Foto tirada por Diego Bertotti- Trilha

O grupo do manguezal caminhou em uma trilha, não tão longa, porém muito esburacada e com muitas poças e que deixava a caminhada um pouco cansativa. No final da trilha tinha um galpão onde estavam guardados alguns coletes, eles eram desconfortáveis e ficavam caindo, porém eram essenciais para nossa segurança. Em seguida, fizemos uma trilha para adentrar no manguezal e o Roberto, educador ambiental do núcleo, explicou que o manguezal serve como um berçário de seres vivos, pois ele tem características que favorecem a criação de filhotes é rico em nutrientes e as raízes das árvores podem servir como proteção para os filhotes, porém muitos predadores comem esses filhotes! A trilha era coberta de árvores, porque a floresta era dividida em camadas de plantas baixas, plantas médias e árvores com copas muito altas, essa mata é chamada de mata ombrófila densa, ela é sempre verde, bem úmida e possui árvores e plantas de diferentes portes.



Foto da direita e do meio tiradas por João Nakamura/Foto da esquerda tirada por Diego Bertotti
Na mata tinham plantas de todos os tipos, árvores (esquerda), samambaias (meio), musgo (direita)

Enquanto os funcionários do núcleo preparavam os botes em que íamos entrar para “desbravar” as águas do manguezal, um deles, o Silas, encontrou um caranguejo Guaiamu que estava aprisionado com elásticos em uma das armadilhas. Infelizmente, durante a época de desova dos caranguejos, alguns contrabandistas fazem trabalhos ilegais, colocando armadilhas na beira do rio e esperam os caranguejos entrarem nelas, amarrando-os com elásticos. Os contrabandistas os capturam para vender ilegalmente, isso prejudica o meio ambiente, porque os seres vivos tem um ciclo de vida, quando a população de um ser vivo diminui, isso afeta o ciclo de vida de outros animais, além disso, os caranguejos tem uma pata específica para atrair a fêmea, e a armadilha quebra a pata que atrai a fêmea, assim não ocorre a reprodução. Os caranguejos podem morrer em até sete dias! Estas ações ilegais ocorrem constantemente, mas no dia 31 de março, cerca de 1800 caranguejos foram resgatados no Núcleo Picinguaba, alguns contrabandistas agiam ilegalmente e foram multados por caça em local proibido!



Foto tirada por João Nakamura- Caranguejo Guaiamu

Depois de acharmos o caranguejo, o monitor Silas o soltou no manguezal. Quando começamos o trajeto no rio do manguezal, entramos nos barcos e ele explicou sobre os tipos de mangue. Existem três tipos de mangue: o Rhizophora (vermelho), o Langularia (branco) e o Avicennia (preto). Nós vimos apenas o Rhizophora (mais duro, pois ficava mais tempo na água) e o Langularia (que é mais macio, pois fica menos tempo na água). Os monitores, além de explicar

sobre os mangues, explicaram sobre os crustáceos, sobre as aves e sobre os peixes que lá viviam.



Foto tirada por Diego Bertotti- Langucularia (Mangue branco)
Manguezal



Aquarela feita por Gabriel Gaspar-

Durante o trajeto, alguns alunos que estavam “motivados pela aventura”, remaram a canoa junto com o Roberto. Durante o trajeto ele ficava explicando coisas sobre o manguezal, e sobre os bancos de areia, que são formações arenosas de sedimentos de rochas e que no futuro serão cobertos por mangues.



Foto tirada por Diego Bertotti- Travessia no manguezal

O Dante, quando estava remando, acertou a cabeça da Shirley duas vezes. Depois de um tempo, nós descemos em um banco de areia para ir até a praia, a areia era muito parecida com a da praia, mas como estava molhado era gostoso pisar nela. Entre a praia e o banco de areia havia um rio com água salobra, que é a mistura da água do mar e a do rio. Quando chegamos a esse rio, o Dante pulou

na água com suas botas e agasalho. Depois, o resto do nosso grupo também pulou no manguezal e ficamos nadando, apesar de estar muito frio.

O grupo que foi primeiro à praia recebeu explicações da monitora Tatiana sobre a restinga. Ela é uma vegetação muito pobre em nutrientes, impedindo que as plantas se desenvolvam, é muito resistente e percebemos isso ao pisar nela, pois ela machuca o nosso pé com uma camada extra que as deixa mais duras e as ajudam a impedir que a areia da praia vá para o mato. Essa camada também ajuda as plantas da restinga a sobreviver num ambiente com muito sol e com muito sal, pois a vegetação fica no topo da praia e é atingida pela água do mar durante a maré cheia.



Foto tirada por Diego Bertotti- Restinga



Aquarela feita por Gabriel Gaspar- Praia

Depois disso, fizemos uma atividade na praia que nos fez sentir como biólogos (quem estuda os seres vivos de certas regiões, como se adaptam, o que comem, predadores, etc). O nosso objetivo era procurar mariscos e outros seres vivos presentes na praia. Quando chegamos ao final da praia com tudo o que tínhamos coletado, a monitora Tatiana nos informou que a praia era dividida em três partes, sendo elas supra litoral (restinga), meso litoral (meio da praia) e infra litoral (no mar), conforme a ilustração abaixo.



Imagem retirada da Internet- Divisão da praia

Então classificamos os itens que coletamos na praia de acordo com essa divisão. No supralitoral, foi encontrado muito lixo. No mesolitoral, foram encontrados siris e conchas e no infra litoral foram encontradas muitas bolachas do mar.

No final da praia, havia um rio de água salobra o qual tínhamos que atravessar com uma corrente humana para chegar ao costão rochoso. A água estava muito gelada.

No costão rochoso, aprendemos que ele é dividido em três partes, supralitoral, mesolitoral e sublitoral. É comum ter musgos nas rochas porque entre elas pode acumular um pouco d'água, gerando uma umidade favorável para os musgos se desenvolverem. Além de musgos outros seres vivos podem se abrigar nas rochas, como a barata d'água. O costão é formado por rochas vulcânicas que dividem a praia da mata. Essas rochas são muito grandes e de cor alaranjada, as pedras eram ásperas e úmidas e quanto mais alto as rochas, mais claras ficavam.

Quando o grupo, que estava no manguezal, foi para praia, ficaram molhados e com muito frio porque estava chovendo. Quando andamos pela areia, notamos que ela era grossa, mas agradável de pisar, porque estava molhada.



Foto tirada por João Nakamura- Praia com chuva

Depois de tudo isso, nós voltamos para a sede, trocamos nossas roupas que estavam molhadas pela chuva e ouvimos uma palestra na qual o guia Roberto nos explicou sobre os objetivos básicos do Núcleo Picinguaba, que são a pesquisa sobre a interação e o impacto das ações humanas e da sociedade sobre o meio ambiente e, através do estudo e compreensão dos diferentes ecossistemas da Serra do Mar, do seu litoral e da sua preservação, promover a criação e manutenção de um centro de apoio à pesquisa e à educação ambiental. Além disso, ele explicou sobre a importância de um ecossistema (local onde seres vivos e seres não vivos se relacionam) para o meio ambiente e a compreensão do valor da natureza. O Roberto também complementou informações que haviam sido dadas durante as caminhadas que realizamos pelo manguezal e pela praia. Após a palestra, entramos no ônibus e fomos para o hotel.

Já nos alojamentos dos quartos, trocamos de roupa, nos acomodamos e organizamos todos os nossos pertences. Após o jantar que estava muito bom e com muita variedade de comida como carne, peixe e saladas, fomos para a oficina de barcos, às 22:30h, onde pintamos barquinhos de madeira que o caiçara responsável pela oficina distribuiu para todos nós. O caiçara (comunidades caiçaras possuem miscigenação entre indígenas, brancos e negros que vivem principalmente da pesca e do artesanato) nos explicou que esses barquinhos eram um artesanato tradicional da comunidade caiçara, era um brinquedo para as

crianças, porém com o passar dos tempos surgiu um interesse econômico por esses barquinhos, então eles começaram a ser comercializados em Paraty.



Foto tirada por João Nakamura- Barquinho feito na oficina

Depois da oficina, voltamos para nossos quartos, porque no dia seguinte visitaríamos a Aldeia Boa Vista e em seguida, o Quilombo Campinho da Independência.

Referências bibliográficas

<https://catracalivre.com.br/>- acesso em 27/08/15.

<http://www.redebrasilatual.com.br/>- acesso em 01/09/15.

<http://fflorestal.sp.gov.br/>- acesso em 25/08/15.

www.ambiente.sp.gov.br- acesso em 01/09/15.

Aguilar, João Batista- Para Viver Juntos: Ciências, 7º ano: ensino fundamental/ 3ed. São Paulo: Edições SM, 2014

Aldeia Boa Vista

Ana Beatriz
Florio de Andrade
Dante Maul
Giovanna Campagnolo
Júlio Lopes
Pedro Conde
Thomaz Campos
Valentina Franco

12/05/2015

No dia 12 de maio, segundo dia da viagem, depois de uma bela noite de sono, apesar de que gostaríamos de dormir um pouco mais, após um longo dia cheio de atividades, levantamos da cama e fomos em direção ao restaurante do hotel. Esperamos um pouco, até que o nosso grupo fosse chamado para entrarmos no refeitório da pousada.

A pousada era no estilo colonial (a época em que o Brasil era dominado pelos portugueses) semelhante com as casinhas do centro histórico de Paraty, pintada de azul marinho e branco.

Fomos chamados para nos servir de café da manhã. Apreciamos a comida que estava muito boa e voltamos aos nossos quartos para que pudéssemos arrumar nossas mochilas de mão.



Café da manhã na Pousada da Condessa, Paraty, RJ

Em nossa mochila, colocamos repelente, uma muda de roupas, a garrafinha que havíamos ganhado da ATM, (a agência de turismo que nos acompanhou), a nossa apostila onde anotaríamos sobre o que visitaríamos, câmera, celular e dinheiro.

Então, nos encontramos com os nossos monitores Dario e Tati, e com a nossa professora Shirley perto da recepção. Eles nos deram algumas instruções e seguimos em direção ao ônibus.

Subimos no ônibus, nos organizamos e alguns minutos depois, Dario nos pediu que pegássemos a nossa apostila. Ele a leu junto conosco e nos deu algumas explicações sobre a Aldeia Boa Vista que iríamos visitar. Pediu que investigássemos alguns pontos, como a vestimenta, religião, economia, solicitando também, que tivéssemos respeito com a cultura dos Guaranis.

Durante o trajeto até a Aldeia, pegamos um trecho da BR 101 onde, quando a vegetação não atrapalhava, conseguíamos enxergar uma vista linda para o mar azul turquesa.



Estrada Rio-Santos (BR 101), Ubatuba, SP

Assistimos também a algumas vídeo-aulas no ônibus, que falavam sobre a Aldeia e sobre a etnia Guarani.

Após um lindo trajeto, enfim chegamos à área onde ficava a Aldeia. Logo na entrada havia uma grande placa dizendo que aquele lugar era reserva ambiental da prefeitura de Ubatuba. A Aldeia Boa Vista está localizada no bairro Pru Mirim em Ubatuba, SP.



Placa da reserva da prefeitura

Ao descermos do ônibus avistamos algumas casas grandes, muito diferentes do que imaginávamos e percebemos uma enorme subida, com a qual

ficamos um pouco desanimados, mas assim que começamos a subir, pegamos o embalo e seguimos em frente, com alguns empurrões para que facilitasse a subida.



Subindo a trilha...

Paramos no meio do caminho, para que a Tati nos explicasse sobre as manchas que vimos nas árvores (estes são os líquens). Ela nos explicou que as árvores com manchas mais brancas mostram que o ar do local não é tão puro e quanto mais rosadas forem as manchas mais puro é o ar.

Ela também falou que estávamos rodeados pela Mata Atlântica. A Mata Atlântica é um bioma que foi muito devastado a partir da urbanização das cidades, porém ainda é muito diversificado e possui espécies endêmicas (espécies que só existem em determinados lugares). A Mata Atlântica é formada pelos seguintes ecossistemas:

1. Manguezal: o manguezal é um bioma muito rico em nutrientes, onde os animais marinhos ou terrestres que vivem pela região vão para se reproduzirem ou desovar. É conhecido como berçário animal.

2. Restinga: a restinga é uma vegetação rala, que não cresce muito e possui raízes profundas para a captação de água. Ela se localiza no começo da praia já na areia.

3. Floresta de araucária: a floresta de araucária é encontrada mais na região sul e sudeste do país, lugares onde o clima é de temperatura mais baixa. As araucárias, são gimnospermas, possuem sementes, estróbilos femininos e estróbilos masculinos.

A Mata Atlântica é um bioma que possui temperaturas variando entre 20°C a 25°C, ou seja, com pouca variação. Há períodos de chuva no verão e seca no inverno.

O chão da trilha que dava acesso à aldeia era de terra, com algumas folhas no chão. Caminhamos um pouco mais até que finalmente chegássemos à Aldeia.

Quando enfim chegamos na Aldeia, pudemos apreciar uma linda vista e então, nos reunimos, para que a ATM batesse uma foto nossa com esta linda vista de cenário.



Foto da turma...



A vista da aldeia



Entrada da aldeia

Seguimos o nosso caminho até a entrada da Aldeia, onde avistamos o posto de saúde. Lá havia várias crianças participando da campanha de vacinação contra tétano.



Crianças no posto de saúde a esquerda

Alguns cachorros vieram em nossa direção, animados para nos receber, porém os índios pareciam um pouco tímidos e envergonhados com a nossa presença. Eles ficavam nos apontando e pareciam recuar, conforme nos aproximávamos.

Um jovem índio aproximou-se de nós, e se apresentou para o nosso monitor Dário. Ele tomou a frente e foi nos guiando. Passamos em frente à escola da Aldeia que, assim como o posto de saúde, era feita de concreto. Havia algumas

crianças em cima do muro da fachada da escola. Elas também nos apontavam e algumas vezes riam.

A escola da Aldeia é uma escola da prefeitura, assim como o posto de saúde. As crianças da aldeia cursam nesta escola do 1º ano do fundamental I até o 9º ano do fundamental II. A escola é bilíngue, ou seja, os índios aprendem português e guarani. Quando um índio da Aldeia decide continuar, ou aprofundar os seus estudos, ele terá que continuar seus estudos fora da aldeia. O que é permitido pelo cacique e pela comunidade.



Escola da Aldeia Boa Vista, crianças na varanda

Em frente à escola havia um *play ground*, porém não havia muitas crianças brincando. Os brinquedos eram feitos de madeira e pneus,

Seguimos por uma trilha, porém mais estreita e mais fechada. O índio que nos guiava usava um jeans e uma blusa amarela da seleção brasileira de futebol, o que foi diferente do que imaginávamos, pois imaginávamos que somente um ou outro índio usaria roupas, como as que estavam usando. Imaginávamos roupas diferentes, talvez mais leves. Pensávamos que a maioria usaria trajes típicos indígenas guaranis e que estariam com pinturas no rosto. Eles já usam roupas semelhantes as nossas pois eles tiveram contato com a nossa cultura e acabaram se apegando a alguns costumes, que para nós são básicos, como andar vestidos,

entre outros costumes que para eles não são tão básicos assim, e que aos poucos foram inserindo-os em nossa cultura.

Na trilha, ouvimos sons de cachoeiras e riachos, e vimos também algumas nascentes pelo caminho. Durante a trilha, o índio que nos guiava foi nos explicando o que veríamos na Aldeia.



Cachoeira da Aldeia



Chão da trilha até as casas da Aldeia

No final da trilha, pudemos ver o riacho, que era afluente da cachoeira que havíamos escutado no percurso, só tínhamos visto parte dela, por estar encoberta pela vegetação, o que transmitia a sensação de que o ar era muito puro, mas não tinham muitas flores porém havia muitos insetos.

Atravessamos uma estreita ponte onde não havia lugar para se segurar. Para chegar à Aldeia tivemos que fazer uma fila indiana, e atravessamos o riacho, que impressionava de tão cristalina que era a água. Não encontramos sequer um lixo durante todo o percurso, muito menos no riacho, pois os índios valorizam muito a natureza e a preservam.

Depois de atravessarmos o riacho, chegamos à aldeia, onde a primeira coisa que avistamos foi um campinho simples de futebol, com traves, feitas de metal, porém não havia ninguém naquele momento.

Seguimos por um caminho onde o mato chegava até os nossos joelhos e sua cor era de um lindo verde. O dia estava perfeito, o céu azul, a brisa batendo em nossos cabelos, enquanto o Sol queimava os nossos ombros, todos juntos e felizes.

Então, finalmente chegamos às casas da Aldeia. Eram redondas não muitos grandes e sem muito luxo, porém o suficiente para caber uma família (lembrando que os índios vivem com a mentalidade de subsistência, ou seja não precisam de muito para sobreviver, e produzem e consomem somente aquilo que realmente é necessário), eram feitas de tijolos e seus telhados eram de telha de barro.

Conforme nos aproximávamos da casa de reza, o nosso monitor Dario pediu que fizéssemos silêncio, como forma de respeito, pois há pouco estava havendo uma cerimônia sagrada e também por não ser adequado e respeitoso fazer barulho em lugares sagrados.

Estávamos fazendo o mínimo de barulho, conforme solicitado, sentamos em banquinhos simples de madeira, e não muito confortáveis, que estavam distribuídos pelo local. A casa de reza era um local simples, as paredes eram feitas de tijolos, e revestidas por barro e o telhado era de pau-a-pique. É o lugar onde o povo guarani, um povo simples, que cultiva os seus costumes, se reúne todas as noites, para realizar as suas orações.



Casa de reza da aldeia Boa Vista

O índio que havia nos guiado pela trilha pediu que não tirássemos fotos ou gravássemos nada dentro da casa de reza e que se por um acaso já tivéssemos feito isso, pediu que apagássemos, pois aquele era um lugar sagrado.

Logo em seguida, o cacique apareceu. Ele também utilizava trajes bem parecidos com a do outro índio, porém diferentemente dele, usava um cocar de penas azuis.

O cacique (chefe da tribo que comanda, administra e organiza a comunidade) se apresentou e disse que seu nome era Altino dos Santos, mas ele nos disse que tinha um outro nome em guarani que significava trovoadas, tempestade.

O cacique disse que todas as crianças guaranis quando nascem recebem um nome escolhido pelos pais, que será o nome que será registrado em cartório, e recebem também um outro nome que é dado pelo pajé. O nome dado pelo pajé é em guarani sendo um nome que o pajé acha que definirá a criança, ou seja, é um nome que tem um significado especial.

Infelizmente, a Aldeia estava sem pajé (o pajé é um curandeiro da tribo, que faz também cerimônias religiosas da crença indígena.), pois ele havia falecido em fevereiro.

O cacique nos contou como era feita a escolha do cacique na Aldeia. Segundo sua explicação, os índios votavam em quem achava que seria o líder melhor, um cacique melhor, e também poderiam retirar o cacique caso não estivesse cumprindo com as suas obrigações (de ser o "político" da tribo). Aparentemente o cacique exercia bem o seu trabalho pois segundo ele próprio, já exerce o cargo desde 1970, ou seja, é cacique há 45 anos!

Conforme o cacique nos relatou, foi uma grande luta conseguir um território fixo, onde pudessem praticar a sua cultura sem invasões. Mas isso já era de se esperar, pois desde a chegada dos portugueses no Brasil, os índios não puderam mais desfrutar da natureza como sua casa, fonte de alimentação, religião,

crenças, ou melhor, exercer sua cultura por completo, devido à vontade dos portugueses e de todos nós de lucrar, construir e ampliar posses.

Quando os portugueses se depararam com os índios, a primeira coisa que pensaram foi em escravizá-los, porém não conseguiram, pois os índios se rebelaram. Então os portugueses começaram a invadir o território dominado pelos índios, queriam matá-los, porém os jesuítas missionários impuseram uma proposta de catequizá-los e assim os portugueses e bandeirantes não os matariam, mas mesmo assim os mataram, mesmo catequizando os mataram, pois se diziam superior a eles e o que eles queriam era ampliar seu domínio sob mais terras (pudemos visualizar o filme “ A Missão ”, que relatava o sofrimento dos índios).

Desde então, os índios não tiveram mais seus territórios garantidos, pois ainda hoje ocorrem exemplos e situações como acima citado. Em São Paulo, no Parque da Cantareira havia índios morando, porém há pouco tempo foram expulsos para que pudessem ampliar a cidade ficando novamente sem lugar algum para onde possam ir.

Claro que a comunidade que visitamos teve muita ajuda e apoio para que conseguissem o que hoje tem, uma reserva ambiental do governo do Estado de São Paulo, ou seja, todo o local é protegido por lei.

O cacique disse que atualmente vivem lá 40 famílias, totalizando aproximadamente 200 pessoas, e que estão tentando ao máximo fazer com que os jovens sigam as suas tradições. Há uma regra para manterem a etnia segura. A regra é que se algum indígena da Aldeia quiser se casar com alguém que não faça parte dela, está automaticamente, fora da Aldeia, mas segundo o cacique, até agora, ninguém nunca deixou a aldeia.

Na Aldeia, eles conseguem o dinheiro através do artesanato e da agricultura de pupunha que vendem na feira de Ubatuba para comprar roupas, itens de higiene básica e a comida que falta, embora o dinheiro não seja muito

importante para eles. Os remédios são feitos a partir de ervas e remédios extraídos de plantas, tudo natural.

Após a entrevista, e as explicações do cacique, o coral da Aldeia entrou na casa de reza e se apresentou. O coral era composto de jovens e crianças. Eles usavam roupas brancas e leves com desenhos indígenas, e alguns apresentavam pinturas no rosto. Cantaram músicas e dançaram danças típicas guaranis ao som de um violão que era tocado por um outro índio.

Os índios da Aldeia adoram música. Em fevereiro de 1999, a Aldeia Boa Vista, junto de outras três aldeias guaranis de São Paulo, e do Rio de Janeiro, lançaram um CD, Nande Reho Arandu (memória viva guarani), composto de canções infantis indígenas e algumas canções religiosas.

A apresentação nos emocionou, pois foi muito belo presenciar que ainda há jovens que querem seguir suas origens e tradições para conservarem a sua cultura que é muito bela e guerreira. A dança era típica da Aldeia onde só eles dançavam, misturando meninas e meninos.

Chamou a nossa atenção um indiozinho, que havia tingido o seu cabelo de loiro. Ele devia ter aproximadamente seis anos de idade.

Sáimos então da casa de reza e fomos ver os artesanatos que estavam sendo vendidos. Tinha cada um mais lindo que o outro, pulseiras, brincos, colares, filtro dos sonhos, cestas, zarabatanas, arcos e flechas, entre outras artes. Compramos algumas lembranças e nos despedimos dos índios.

Muitos de nós ficamos emocionados e comovidos com os índios, com a apresentação, e com a determinação dos índios que apesar de toda a história, ainda lutam para manterem as suas tradições, sua cultura, seus costumes.



Artesanatos feitos pelos índios da Aldeia Boa Vista, Ubatuba, SP

Seguimos o caminho de volta, ainda um pouco comovidos com a apresentação. Estávamos cansados e mortos de fome, loucos para chegarmos ao ônibus!

Chegamos ao ônibus, sentamos e nos refrescamos com suco de maracujá e manga, mas estávamos morrendo de água na boca pela feijoada que comeríamos no Quilombo, e que já podíamos até imaginar como seria gostosa e apetitosa!

Referências bibliográficas

www.ubatuba.com/ubatuba/historia/lindx-hist_masc.php?hist=guarani

<http://purcino.wordpress.com>

Quilombo Campinho da Independência

Gustavo Furquim de Campos Canto
João Vitor Delboni Hyde
Leo Tsuchida Hoçoya
Letícia Cristina Pereira da Silva
Maria Clara Bastos Miranda
Mariana Nini Manebte
Pietra Peterlini Chierighini
Pietro Lucatelli Leoni

12/5/2015

No segundo dia de viagem do nosso estudo do meio que foi em Paraty/Ubatuba, após visitarmos a Aldeia Boa Vista, onde fomos muito bem recebidos por alguns indígenas, seguimos para almoçar e assistir uma palestra no Quilombo Campinho da Independência localizado no sul do estado do Rio de Janeiro, a 20 Quilômetros de Paraty entre os povoados de Pedra Azul e Patrimônio. O quilombo é banhado pelo rio Carapitanga e contém cachoeiras e matas pertencentes à Mata Atlântica. Nosso objetivo no Quilombo era conhecer a cultura, crença, religião, modo de vida e sua história.



Localização do quilombo Campinho da Independência

O caminho era curto, mas era bem arborizado e tinha uma linda paisagem. No mato dava para ver a Mata Atlântica que foi essencial para que os portugueses escolhessem se fixar no litoral. Dentro da Mata Atlântica tinha pau-brasil, que era muito usado para colorir roupas. Chegando ao Quilombo, nos deparamos com uma moça, que nos levou ao restaurante. O caminho era de barro, tinha poucas casas e no começo, sentimos medo porque o quilombo tinha muitos casebres. Quando chegamos ao restaurante fomos bem recebidos com feijoada e limonada que estava muito bom.



Feijoada servida no Quilombo

Depois do almoço fomos a uma palestra que era no andar de cima do restaurante, lá nos acomodamos em uma esteira de palha que, antigamente, foi usada como cama pelos quilombolas. A palestra tinha como foco falar sobre as três escravas que criaram o Quilombo Campinho da Independência, que se originou a partir de uma doação de terra de um fazendeiro para três escravas chamadas Marcelina, Antonica e Maria Luiza. A possibilidade de vender a fazenda era pequena, pois as três escravas não tinham condições aceitáveis para que alguém aceitasse comprar. A palestra foi longa e em alguns momentos sentimos sono por termos acordado tão cedo.



As três escravas e um quilombola dos dias atuais



Palestra no Quilombo

O que mais nos chamou atenção na palestra foi que Laura (é uma importante quilombola para a sociedade do Quilombo e também participou da palestra) nos disse que não existe nenhum centro de umbanda, que é sua religião.

A umbanda é uma religião que foi criada com a mistura de algumas religiões como a africana, católica e espírita, essa religião foi criada aqui no Brasil pelos africanos que se recusavam a esquecer de seu passado. Os africanos eram tratados como pessoas sem alma, então os africanos só conversavam com outros africanos e isso era praticamente impossível porque seus donos que eram os portugueses não deixavam. No Quilombo existem duas igrejas protestantes e uma católica, Laura tem de sair de sua cidade e ir para Ubatuba para praticar sua religião.



Igreja católica do Quilombo

Benedita da Silva é uma griô. O griô tem o objetivo de contar sobre sua cultura e passar de geração em geração por meio da fala. Uma das características essenciais do griô é a idade que, nesse caso tende a ser mais velho, é necessário antes de tudo ter uma boa memória para narrar, sabedoria e experiência de vida. O papel do griô no Brasil é de conservar a memória, mas também de mostrar o outro jeito de olhar. Eles educam os mais novos para se defenderem contra o preconceito, que está muito forte nos dias atuais. Assim, a narrativa dos griôs não foca só a África e busca mostrar a luta dos escravos afro-brasileiros. Também conversamos com Laura, uma importante quilombola na sociedade do quilombo.

No fim da palestra, tivemos a oportunidade de entrevistar a griô, no começo ficamos tímidos, mas depois perdemos a vergonha. A entrevista foi interessante, Benedita nos disse que as crianças do quilombo não se interessam pela cultura preferem fazer outras coisas como, por exemplo, ouvir funk.

Após a palestra, descemos para ir ao campo onde dançaríamos o jongo, que é uma dança cultural praticada pelos quilombolas. Antigamente era uma manifestação praticada por escravos, para poder se comunicar sem que seus donos percebessem. Essa dança foi trazida para o Brasil pelos negros Bantu. Na dança os escravos davam uma umbigada em seu amigo e cochichavam informações para se encontrar com o mesmo sem que os portugueses pudessem ver.



Dançando o jongo com uma quilombola

Depois de dançarmos o jongo, fomos direto para a loja de artesanato, no caminho, vimos algumas ervas medicinais, muito utilizadas pelos quilombolas. Algumas delas eram a Cica da banana, que cura feridas e as cicatriza, e também vimos a pimenta rosa, que cura dor de barriga e outros sintomas. Logo depois de vermos as ervas, paramos para ver o famoso campinho do Quilombo. Antes havia um campo que só os adultos utilizavam e as crianças não podiam usá-lo, então elas pediram para um agricultor para que ele doasse o local onde ele plantava, para que eles pudessem brincar. No começo o agricultor não aceitou a ideia, mas depois ele concordou em doar a terra, mas antes ele queria fazer sua ultima

colheita e sua plantação não estava fértil. No campinho existem campeonatos com outras comunidades que disputam pelo título de melhor comunidade em relação ao futebol.



Quilombola explicando sobre a pimenta rosa que dá na árvore atrás dela

Enfim, chegamos à loja de artesanato que é uma forma de sustentação e enriquecimento do Quilombo. Achamos os produtos da loja um pouco caros, mas mesmo assim alguns ainda compraram vários produtos, alguns eram muito belos, já outros não víamos graça nem beleza. Existem três lojas de artesanato por todo o quilombo.

Voltamos para o ônibus e fomos rumo à pousada em que estávamos hospedados. Ficamos felizes em chegar lá, pois estávamos exaustos com tudo que fizemos no dia. Já na pousada, tivemos uma hora de lazer, algumas pessoas pularam na piscina e outras ficaram jogando no salão de jogos. Essa viagem foi muito divertida.

Referências bibliográficas

<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=zdTnDdDg4TJA.kqAPNVtUvPDQ>

<http://app.colegio-santaclara.com.br/mod/folder/view.php?id=371>

<http://www.significados.com.br/umbanda/>

<https://www.youtube.com/watch?v=rNORmQeCCI8>

www.cpisp.org.br/comunidades/html/brasil/rj/rj_conquista.html

Fotos: muitas foram tiradas por Pietro e Shirley.

VAZ, Maria Luíza e PANAZZO, Silvia. Jornadas.-história-7ºano. São Paulo:editora Saraiva,2012.páginas 238 e 239.

Centro Histórico

Arthur Pereira Vicente
Beatriz Luísie Martinho Assumpção
Mariana Mendes Keller
Pedro Diniz Bicudo
Sofia Cinti Corrêa Porto
Sofia de Almeida Lopez
Tomás de Oliveira Lotufo.

13/5/2015

Passamos nossa última noite da viagem na pousada da Condessa, então, no nosso último dia em Paraty, já estávamos cansados. Acordamos com um dia chuvoso então, a guia Sibeles aproveitou esse tempo para dar uma introdução sobre o centro de Paraty. Estávamos ansiosos para sair e conhecer os locais que já havíamos lido uma coisa ou outra e a chuva demorou um pouco a passar.

Começou falando que no século XVI, o centro comercial de Paraty tinha um calçamento conhecido como pé de moleque, devido a semelhança da disposição das pedras com o doce. Disse ainda que as ruas do centro histórico tinham uma inclinação central em forma de V com espaçamento entre as pedras. Isso faz com que a água escoe melhor e infiltre entre os vãos das pedras, melhorando o saneamento básico, evitando alagamentos.

Também contou outras curiosidades como a que Paraty era local de escoamento de ouro. A fiscalização e o caminho que o ouro extraído deveria fazer foi ordenada pela família real pois por causa da cobrança de impostos (o quinto),

os donos das minas começaram a extraviar o ouro extraído, se livrando do pagamento do imposto.

Esse período de extração de ouro foi curto, mas mesmo assim, o comércio de Paraty continuou forte. Muitos viajantes que passavam pelo local se encantavam com o centro e, o turismo se tornou a principal atividade econômica de Paraty e, para preservá-lo, foi determinado o seu tombamento.

Sáímos a pé para conhecer o centro histórico e passamos por um longo rio, chamado Perequê- Açu. Chegando lá, presenciamos os preparativos para a maior festa do centro: A Festa do Divino.

Esta festa acontece no dia 15/05 e as ruas estavam sendo enfeitadas. É considerada a festa mais animada do ano, pois além das procissões com bandeiras, há coroação do Imperador, danças tradicionais, bingo e almoço comunitário. Não pudemos aproveitar a festa porque íamos voltar para São Paulo, porém a preparação e os enfeites em frente à Igreja da Matriz eram muito bonitos e muito coloridos!

Pesquisando mais tarde, soubemos que existem diversas festas religiosas, tendo como base o catolicismo.

Exemplos:

- Folia de Reis :Comemorada dia 6 de janeiro. Os grupos de Folias percorrem casas para cantar o nascimento de Jesus. Os moradores recebem os cantores com doces e bebidas.
- Semana Santa: de 29/03 a 05/04. Há varias procissões encenando todas as etapas de sofrimento de Cristo. Nestas procissões podem ser admiradas as imagens e peças sacras com mais de 300 anos de existência.
- Corpus Christi: No dia 04/06, os moradores enfeitam as ruas do Centro Histórico com tapetes feitos de serragem, pó colorido e materiais recicláveis.

- São Pedro e São Paulo: De 26/06 à 05/07, ocorre a festa de São Pedro e São Paulo, que são procissões marítimas com barcos enfeitados, que faz lembrar o santo protetor dos pescadores.
- Festa de Santa Rita (10 a 19/07), Nossa Senhora dos Remédios (30/08 a 08/09) e São Benedito e Nossa Senhora do Rosário (06 a 15/11)

Todas essas festas são comemoradas a partir de procissões, missas e alguns shows.

Ao longo do ano a comunidade se organiza vendendo doces e salgados para arrecadar fundos para a festa.

Já no centro de Paraty pudemos ver os conceitos que Sibeles havia nos falado, o pé de moleque e as ruas em V; tudo igualzinho ao que ela disse.



Igreja Nossa Senhora dos Remédios

Começamos o nosso estudo com a Igreja Nossa Senhora dos Remédios, conhecida também como Igreja Matriz, porque se localiza em frente à Praça Matriz. Uma igreja grande que levou 86 anos para ser construída (1787-

1873) e mesmo assim não foi concluída por falta de recursos. Existem duas torres que não foram terminadas, ficando pequenas para o tamanho da igreja. Ao fundo, pedras se sobressaem das colunas externas, mostrando que dali sairiam mais paredes. O sino da igreja fica dentro de uma coluna, pois soubemos que por causa da construção irregular e inclinada, o sino ficaria melhor acomodado assim.

A Igreja Matriz ou Nossa Senhora dos Remédios foi construída para atender a elite de Paraty.

Em seguida, passamos pela rua do comércio e chegamos às casas maçônicas.



A maçonaria tem forte presença na cidade e também influenciou muito a parte arquitetônica de Paraty. Conhecemos o Sobrado dos Abacaxis, um sobrado rico em detalhes arquitetônicos, com ornamentos maçônicos na fachada, sacadas com grades de ferro trabalhado e enfeites em forma de abacaxis, símbolo de

prosperidade. Vimos também os cunhais que formavam o triângulo maçônico, significando Deus.

A Maçonaria surgiu durante a Idade Média na Europa, quando a Igreja Católica proibia pessoas de se reunirem e falarem sobre questões que criticavam o seu domínio. Aprendemos que a maçonaria é um grupo reservado de pessoas com assuntos de interesse apenas a quem participa. Buscam fraternidade, igualdade e aperfeiçoamento intelectual.

Após a visita ao sobrado, seguimos em direção a Igreja Nossa Senhora das Dores. Ela foi construída em 1800 para um aristocrata e abandonada em 1908, quando um grupo de mulheres que participavam das irmandades religiosas começou a reformá-la. A igreja estava fechada, e por isso não conseguimos entrar, porém vimos que do lado de fora ela era branca com suas portas verdes e os beirais brancos, e em cima de uma das torres havia um galo do vento e uma cruz.

Aprendemos que irmandades são instituições religiosas compostas por pessoas comuns, sem restrições sociais ou raciais, somente condições morais e religiosas com o objetivo de ajudar seus membros e a comunidade. Em 1711 existiam dez irmandades em Minas Gerais.

Conhecemos a Lenda da Noiva Sedenta. A lenda diz que no dia de seu casamento, a noiva começou a passar mal e foi levada para o hospital. Depois de um tempo, acharam que ela estava morta e a enterraram. Um dia o homem que se casaria com ela foi até o lugar onde a enterraram e disse que viu a moça pedindo água. O moço pediu para desenterrá-la, e quando abriram o caixão, ele estava com marcas de unha na tampa, e a noiva, virada de lado. Dizem que até hoje, todos os dias a meia-noite, ela aparece em frente a fonte de Santa Rita pedindo para beber água. Uma história bem assustadora!!

Em seguida passamos pelo sobrado do príncipe. Um sobrado que foi construído muitos anos depois da época colonial (época em que o centro histórico foi construído), porém manteve as características do estilo colonial. Achamos o sobrado lindo, com paineiras imperiais e pertence à família real.



Sobrado Maçônico

Na sequência, passamos pela casa da cultura em que infelizmente não pudemos entrar, só apreciamos por fora. Reparamos vários aspectos arquitetônicos nas janelas. Tinha as janelas em guilhotina, que eram as janelas que abrem quando você as empurra para cima. As vergas, que são beirais que

ficam em cima de portas ou janelas, e o cunhal de pedra, que são "colunas" de pedra que ficam nas esquinas das casas. Todas bem bonitas e com aspecto diferente das que estamos acostumados a ver. Podemos dizer que tem muito charme e parece uma viagem no tempo.

Por fim, fomos à Igreja Santa Rita. A Igreja Santa Rita foi aberta ao público em 30 de junho de 1722, e é a mais antiga igreja de Paraty. Nela funciona o Museu de Arte Sacra, a arte com destino ao culto sagrado.



Igreja Santa Rita

O museu não estava aberto ao público nesse dia, porém, uma semana depois que voltamos, lemos uma notícia que ele havia sido reaberto ao público.

Ao terminarmos nossa visita na Igreja começou a chover e como estava bem frio tivemos que voltar para a pousada da Condessa. Nos arrumamos e como já estávamos prontos para sair, começamos a viagem para São Paulo. No caminho de volta pudemos ver o longo rio ao lado da pousada, muitas praias e diversas coisas interessantes até enfim chegarmos na escola. Todos foram para suas casas, já que no próximo dia teríamos aula normal.

Referências bibliográficas

www.paraty.com.br/blog/por-que-as-festas-religiosas-fazem-parte-do-calendario-cultural-de-paraty/

http://www.paraty.com.br/igreja_santarita.asp

http://www.paraty.tur.br/centro_historico.php